ROB BELL

AUTOR BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

TUDO

– absolutamente tudo –

É ESPIRITUAL

ENCONTRANDO SUA PAZ
NUM MUNDO TURBULENTO

FARO EDITORIAL

ROB BELL
AUTOR BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

TUDO
– absolutamente tudo –
É ESPIRITUAL

ENCONTRANDO SUA PAZ NUM MUNDO TURBULENTO

TRADUÇÃO:
Carlos Szlak

FARO EDITORIAL

Pense nos grandes movimentos que você já fez,
de uma única célula a um ser humano.
Mantenha-se ágil e siga em frente.

RUMI

Minha avó guardava o dinheiro no sutiã.

EU PEDIA A ELA VINTE DÓLARES, E ELA ENFIAVA A MÃO NO BOJO, tirava algumas notas e perguntava:

— Tudo bem uma de dez e duas de cinco?

Em meados dos anos 80, quando eu estava no ensino médio, costumava visitá-la na fazenda dela. Morávamos no subúrbio de Lansing, capital de Michigan, situada no centro do estado. Eu dirigia o nosso Oldsmobile até a zona rural e parava na entrada da garagem da sua antiga casa de fazenda, cercada por celeiros, pastagens e campos. Então, Gunner, o cachorro, dava uma volta ao redor do carro e fazia xixi nos quatro pneus. Minha avó costumava preparar o jantar e depois nos sentávamos na varanda, em cadeiras de vime.

Lembro-me do vento que soprava pelos campos e movia os carrilhões pendurados nos beirais da varanda. Às vezes, conversávamos; outras, ficávamos sentados em silêncio por longos períodos. Eu estava naquele intervalo de tempo entre ser menino e ser homem, tentando entender quem eu era e para onde estava indo, cercado por todos os dramas e insanidades do colégio.

Tudo ao meu redor era classificado. Havia os melhores alunos, os melhores atletas e os garotos mais descolados, que eram convidados para as festas. Para onde quer que eu olhasse, havia alguém melhor. Alguém mais inteligente, alguém mais rápido, alguém mais sintonizado com os códigos ambíguos que separavam quem os entendia dos outros. Vivia com a angústia permanente de que estava meio passo atrás, acossado por algumas perguntas:

Tenho o que é preciso? Algum dia encontrarei o meu lugar? Sou bom o suficiente?

Mas então eu me sentava ali, em uma daquelas cadeiras de vime, e essas dúvidas desapareciam temporariamente. Ficava ouvindo o vento e, naquele lugar, tudo parecia bem, mesmo que não estivesse.

Em um sublime estado de graça, sentia a ausência de palavras ali na varanda, em que a presença do outro comunicava um mundo de verdade sem a necessidade de palavras.

Às vezes, minha avó me contava sobre o grande amor de sua vida: seu primeiro marido, Preston, pai do meu pai. Na Segunda Guerra Mundial, Preston serviu em um porta-aviões no Oceano Pacífico. No dia em que voltou da guerra, ele entrou em casa, cumprimentou sua família, deixou suas malas e saiu de casa para encontrar um emprego, para o qual ele foi logo pela manhã seguinte. As histórias que minha avó contava sobre Preston eram como aquela: cheias de ação e propósito. Não era um homem que ficava sentado esperando as coisas acontecerem. Ele ficou com câncer durante a guerra e morreu aos trinta e quatro anos.

Segundo meu pai, ninguém contou a ele nem ao seu irmão, Douglas, a gravidade da doença do pai deles. Certo dia, o tio do meu pai apareceu e disse que precisava levá-lo a um lugar. Meu pai se sentou no banco traseiro do carro, viu seu primo ao seu lado e perguntou:

— Para onde estamos indo?

— Seu pai morreu. Estamos indo para a funerária — o primo respondeu.

Quando chegaram à funerária, disseram ao meu pai que ele não podia chorar porque todos estavam felizes de o pai dele estar no céu naquele momento.

Na época, meu pai tinha oito anos e Douglas, seis.

Aos dezessete anos, meu pai se envolveu em um acidente junto com meu tio. Douglas ficou gravemente ferido, e o resgate veio atendê-lo. Antes de a ambulância sair para o hospital, minha avó embarcou com meu tio, deixando meu pai no local. Na manhã seguinte, ele ficou sabendo que o irmão tinha morrido. No enterro, disseram ao meu pai para ele não derramar nenhuma lágrima, porque estavam felizes de Douglas estar no céu.

Eileen era o nome da minha avó e Rob o do meu pai. Desde muito jovem, eu podia sentir a história entre eles. Era de amor, sim. De lealdade, com certeza. Mas também existia uma melancolia persistente, um pesar silencioso que pairava entre os dois. Na cultura de onde vinham, as pessoas não falavam dos seus sofrimentos. As principais mensagens assimiladas eram mais no sentido de *seja bom, siga em frente, cumpra as regras* e *confie que tudo isso é algum tipo de plano divino.*

Assim eles fizeram.

Juntos, haviam sofrido uma perda indescritível, que os unira, mas era uma união marcada para sempre por essa perda.

Assimilei todo aquele pesar silencioso flutuando entre minha avó e meu pai, e desde muito jovem só queria fazê-los rir.

É disso que me lembro. Que eu fazia minha avó rir. Fazia meu pai rir. Se conseguisse fazê-los dar risada até chorarem de rir, sabia que tinha feito algo bom.

Eileen acabou se casando de novo, mais ou menos na época em que meus pais se casaram. Seu novo marido era fazendeiro.

Ele era um homem bom, mas não muito presente. Ele já desistira havia muito tempo.

Eileen e eu ficávamos sentados naquela varanda e ouvíamos o vento, enquanto ele ficava sentado em sua cadeira dentro da casa, vendo televisão.

Ali ela ficava, naquela fazenda, com um homem que passava a maior parte de seus dias sentado numa cadeira.

E então eu aparecia, irrompendo com toda a minha angústia, dor, curiosidade e risadas naquela casa de fazenda silenciosa, naquele casamento sem vida. Eu via o que estava acontecendo ali, o que éramos um para o outro.

Eileen não era uma pessoa efusiva, mas eu sabia que ela acreditava em mim. Eu precisava daquilo. Ela não se estendia a respeito; era uma convicção silenciosa. Mas eu sabia.

Quando eu tinha vinte e um anos, ensinava esqui aquático em um acampamento no norte de Wisconsin. Nas manhãs de domingo, a cerimônia da capela acontecia ao ar livre, em um bosque de pinheiros, para todos que trabalhavam ali. Numa semana, as pessoas que administravam o acampamento perguntaram se alguém queria dar a palestra no domingo seguinte. Eu me ofereci, sem que tivesse feito nada parecido antes. Mensagens, sermões, ensinamentos, palestras espirituais — tantas palavras diferentes. Aquilo era tudo novo para mim.

Ficava-se de pé na frente de um grupo de pessoas e dizia-se algo útil, inspirador ou profundo sobre Deus, sobre a vida e a morte e sobre como viver? Como se fazia isso? Por onde começava?

Ainda assim, dentro de mim, fiquei curioso: *Como seria tentar aquilo?*

Então o domingo chegou. Vesti uma camisa marrom estampada com peixes-espada e sandálias de camurça. Assim que me aproximei das pessoas sentadas em bancos feitos de troncos, descalcei as sandálias antes de começar a falar, porque tive a sensação de que o chão mudara sob meus pés e eu estava em solo sagrado; minha vida nunca mais seria a mesma.

Foi claro assim.

Foi assustador e emocionante, e senti como se estivesse voltando para casa. E eu adorei. Instantaneamente.

Como se tudo na minha vida até aquele momento tivesse me levado *àquilo*.

Ao longo dos anos, eu ouvi mensagens, ensinamentos e sermões proferidos por algumas pessoas. Em geral, não os achava convincentes. Mas aquilo, aquela COISA DE PALESTRA ESPIRITUAL que tinha chegado por acaso, era teatro de guerrilha, arte performática, reunião de reabilitação, poesia e retórica subversivas, tudo ao mesmo tempo. Fiquei fascinado.

Isso é o que vou fazer da minha vida, decidi.

Alguns anos depois, minha avó e eu acabamos morando perto um do outro, e começamos a almoçar juntos toda sexta-feira. Fizemos isso nos últimos dez anos da vida dela. Ela estava ali quando comecei meu primeiro trabalho como pastor, ouvindo minhas primeiras palestras. Aquela forma de arte me fazia querer explorá-la e expandi-la para lugares novos, e eu me joguei nela, com minha avó em algum lugar da plateia.

Eileen testemunhou muitas daquelas primeiras bombas. Todas aquelas explosões frenéticas e as tentativas de voo para inspirar as pessoas. O lança-chamas. A pilha gigante de sujeira. A vez em que eu cheguei com um monte de bichos para apresentar uma ideia sobre alguma coisa, e eles começaram a defecar por todo o palco. A vez em que me vesti de xerife para exemplificar algo, mas não expliquei direito o motivo do traje, tanto que no final do sermão alguém na plateia perguntou:

— Por que você está usando esta roupa?

Senti-me muito humilhado. Parado ali em cima enquanto suava naquele uniforme castanho-claro que pinicava, sentindo vergonha do fracasso e me perguntando: *Quem eu acho que sou para fazer isso? Estou perdendo meu tempo?*

Eileen viu tudo.

Não sei quanto minha avó entendia do que eu estava tentando fazer, mas ela aparecia sempre que eu palestrava. Mesmo quando ela parou de dirigir, sua amiga Helene, de noventa e dois anos, que ainda dirigia, a trazia.

Ela se sentava ali e irradiava alegria.

Meu pai tem pouquíssimas memórias positivas de Preston, seu pai, de quando este ainda era vivo. Ele se lembra de uma carta que Preston enviou aos pais dele, seus avós, reclamando do comportamento dos filhos. Ele se lembra de um homem que agia como se os filhos fossem uma perturbação na sua vida.

Contudo, Eileen idolatrava Preston. Ela me disse:

— Ele era bom demais para esse mundo. Por isso foi levado tão jovem.

Essa era sua explicação para a morte prematura do marido.

E então ali estava eu, bem no meio desses dois, dando aquelas palestras. E rindo.

As perdas deles me moldaram. Nunca conheci Preston ou Douglas, e ainda assim eles estiveram presentes na minha vida desde o início. A *ausência* deles foi uma espécie de *presença.*

Aquela presença na ausência treinou meus ouvidos para o sofrimento e os paradoxos da vida. Independentemente da fórmula, da explicação ou da garantia que alguém estivesse dando, sempre senti que as coisas eram mais complicadas do que aquilo, mais tênues, mais misteriosas. Eu me pergunto quanto disso resulta do trauma que Eileen e meu pai suportaram e que ainda circula no sangue familiar. Meu sangue. Intuitivamente, assimilei a fragilidade e o absurdo inerentes à experiência que todos estamos tendo aqui, e quão rápido ela pode se tornar sombria e trágica e oprimir o coração. Estava cercado de amor e apoio, mas sabia, a partir da história da qual eu fazia parte, que tudo aquilo podia ser tirado em um instante.

Por mais sólida que a vida possa parecer, ela também é muito frágil.

E então minha mulher, Kristen, e eu tivemos nosso primeiro filho. Nós o batizamos de Robert Holmes Bell Terceiro e o chamamos de Trace – numa referência a *três*. Na maternidade, teve o momento em que apresentamos nosso filho ao meu pai.

Senhor Robert, conheça Robert Terceiro. Naquele momento, consegui sentir as gerações, como algo que é contínuo, como se eu fosse parte de uma grande corrente que se estende muito além de mim.

Eu ficava sentado ali durante horas ao lado do berço, olhando para ele, sentindo muito amor por aquele bebezinho que não fazia quase nada. É inebriante esse amor que flui em um único sentido. Ele não precisava fazer nada e eu ficava completamente hipnotizado. Tinha a sensação, enquanto o via dormir durante todas aquelas horas, de que ele estava ali para me ensinar alguma coisa.

Depois, quando nosso segundo filho nasce, em abril de 2000, há o momento em que apresento ao meu pai o seu neto mais novo:

— Pai, este é *Preston Douglas Bell*.

Vi o rosto do meu pai quando disse esses dois nomes juntos: *Preston Douglas*... Seu pai, seu irmão, todo o passado, toda a perda, de repente presentes, bem ali, naquele quarto de maternidade.

Quis tudo ali de volta, naquele quarto, ao ver a expressão do meu pai quando eu disse esses nomes. Era como se tudo estivesse retornando ao princípio, aquelas diversas gerações de almas, todas se misturando e interagindo.

Todas as noites, os pais de Eileen perguntavam quando ela ia dormir:

— O que você fez hoje para ganhar seu sustento?

Eu tinha ouvido essa história ao longo dos anos, mas era somente isto: uma história. Até que comecei a lutar. Eu tinha aquele motor que não conseguia desligar, aquela energia insaciável que me pressionava e me impulsionava para muito além do que eu poderia lidar de forma sustentável. Trabalho, trabalho, trabalho. *O que quer que você faça, siga em frente, fique um passo à frente da dor.*

Em meu primeiro trabalho como pastor, uma das minhas responsabilidades era celebrar casamentos. Em um sábado, realizei três cerimônias para três casais, em locais distintos. Penso nisso agora e dou risada. Quando o segundo casal perguntou sobre aquela data específica, em vez de eu dizer:

— Sinto muito, vou celebrar um casamento nesse dia. — Eu disse: — Para que horas vocês estão pensando?

Essa história resume bem como eu não sabia recuar, não conseguia dar um tempo, não sabia desligar o motor. Eu apenas continuava, me pressionando implacavelmente. Assumindo cada vez mais compromissos. Dava aula na quarta-feira à noite, e outra no sábado à noite. E depois outra no domingo de manhã. E muitas vezes mais uma no domingo à noite. Fiz isso durante anos. Como se estivesse tentando ganhar algo que continuava inatingível.

Afinal, eu desabei. Esgotei-me emocionalmente. Estava exausto. Acabei deitado em posição fetal no chão do meu escritório, entorpecido, me perguntando por que tudo tinha dado errado.

Passei a procurar respostas. E foi nessa busca que comecei a vislumbrar aquela história maior que se desenrolava por várias gerações.

Lembrei-me dos pais de Eileen que lhe perguntavam:

— O que você fez hoje para ganhar seu sustento?

Percebi a falta de graça geracional. Existia amor, sim. Mas também uma necessidade esmagadora de provar, ganhar e realizar.

O que você faz com a dor de viver? Continue se movendo, continue realizando, continue se esforçando. O que quer que você faça, não seja preguiçoso. Não leve na flauta. E, aconteça o que acontecer, fique um passo à frente da dor. Reprima a dor. Controle-a.

Meu pai costumava me dizer:

— Você pode encontrar muitas pessoas mais inteligentes do que eu, mas nunca vai encontrar alguém que trabalhe mais.

Quando eu era criança, aquilo parecia muito impressionante. Meu pai já era grandioso para mim, e palavras como aquelas o faziam parecer ainda mais.

No entanto, quando as coisas começaram a desandar para mim e voltei ao cerne daquelas mensagens que assimilara ao longo dos anos, passei a enxergar o que mais estava à espreita ali dentro. Era como se esta mensagem tivesse ficado gravada nas minhas células: *O que quer que você faça, siga em frente, porque, se você desacelerar e realmente sentir tudo, quem sabe aonde isso pode levá-lo?*

Com a ajuda de diversos guias, por muitos anos, comecei a vislumbrar uma nova forma de ser, enraizada numa verdade duradoura: *Não há nada a ser provado.*

Vejo essa corrente de almas, de geração em geração; vejo o que me foi entregue; vejo o que posso assentar. Vejo o que não preciso mais carregar.

Todos os dias noto o quanto estou aprendendo com meus filhos. Amá-los enquanto eles encontram o próprio caminho no mundo é me ver encontrando o meu. Eu *me* vejo *neles*, e quão bela e refinada foi toda aquela angústia e exploração. Eles me ajudam a abraçar cada pedacinho da minha história. Vejo que tudo fazia parte. Toda aquela curiosidade e perambulação. Eles me mostram que estava tudo bem, mesmo quando não estava.

Encontrei um antigo recorte de jornal que nunca tinha visto. É um artigo sobre Eileen que relata suas viagens no início dos anos 60 para palestrar sobre nutrição e bens de consumo para diversos grupos. Ela dava entrevistas e falava em emissoras de rádio.

Eileen? Como mãe-solo, ela desenvolveu uma carreira como palestrante itinerante nos anos 60? Ela nunca tinha me dito nada. O que mais eu perdi?

Eileen e eu nascemos com cinquenta anos de diferença. De sua mãe para minha filha, existe um intervalo de tempo que cobriria desde o fim do século XIX até o início do século XXII.

Preston morreu vinte anos antes de eu nascer, o que aconteceu cinquenta anos antes de nosso Preston nascer.

Lembro-me de ter visitado Eileen em 22 de agosto de 2008. Sabia que ela estava perto do fim, mas não estava preparado para o que senti quando eu e Kristen entramos no quarto dela. Ela estava na cama, mas não estava lá. Estava presente, respirando longa e lentamente, mas a parte que a constituía estava ausente. Como se ela já tivesse partido. Fiquei petrificado. Você sabe que alguém que você ama vai morrer, mas então chega o dia e nada o prepara para *aquilo*.

Fiquei parado, sem saber o que fazer. Kristen caminhou direto para a cama de Eileen, sentou-se ao lado dela, segurou sua mão e, em seguida, inclinou-se sobre o coração dela, dizendo da maneira mais calma possível:

— Estamos aqui e podemos ver que você está nos deixando; queremos que você saiba quanto a amamos e como foram incríveis esses anos com você, e agora estamos deixando você ir...

Foi comovente. Eileen morreu algumas horas depois, no dia do meu aniversário.

Fiz o discurso fúnebre no funeral dela. Depois nos reunimos nas sepulturas da família Bell, na cidade de Williamston. Deixamos flores cair sobre o caixão depois que ele foi baixado na terra. Oramos. Maxine, a irmã de Eileen, estava sentada na primeira fila, murmurando sem parar:

— Tínhamos tantos segredos, tantos segredos...

Tínhamos?

O serviço fúnebre acaba. Enquanto todos voltam para os carros, sobramos meu pai e eu, parados um ao lado do outro, acima da cova aberta. Por um tempo, ele permaneceu em silêncio, em seguida virou-se para mim e disse:

— Há algumas coisas que quero contar para você sobre o que aconteceu quando meu pai e meu irmão morreram.

Eu sabia.

Eu sabia que havia mais alguma coisa.

Um pouco depois disso, ele reuniu a família e pegou uma pilha de fotos que eu nunca tinha visto. Fotos dele com o pai, fotos dele com o irmão. Meu pai descreveu em detalhes como foi ter ficado no local enquanto a ambulância se afastava. Ao longo dos anos, eu tinha ouvido fragmentos da história, mas nunca relatados por ele, e nunca a história inteira. Meu pai reviveu ali as poucas memórias que tinha do meu avô. Ele nos mostrou uma foto dele e de Douglas em um barco no rio perto da casa deles.

Terminou e então disse:

— Agora não há mais segredos.

Olhou para todos nós. Fez uma pausa. E depois começou a chorar. Foi a primeira vez que vi meu pai chorar.

Nesse momento, ele se tornou um milagre para mim.

Percebi como teria sido fácil para ele seguir outro caminho. O desespero dele. A desesperança. Como a dor poderia tê-lo despedaçado.

Mas não despedaçou. Ele direcionou tudo aquilo na propulsão nuclear de trabalhar, para alcançar e servir o bem maior de ser o pai, para mim e meus irmãos, Ruth e Jon, que ele nunca teve.

Ao testemunhar suas lágrimas pela primeira vez, percebi como a ordem, a estrutura, o sucesso, o esforço, a lei — meu pai foi juiz por quarenta e quatro anos —, a religião, as regras e todas as outras coisas que às vezes me irritavam tinham-no ajudado. Percebi quanto significavam para ele, como moldaram e direcionaram a sua vida. Percebi o precipício que ele estava determinado a escalar para dele sair. Percebi de onde tinha vindo a intensidade absoluta de toda aquela produção. Tive uma noção mais ampla da grandeza daquela história da qual faço parte, conforme ela se desenrolou ao longo dos anos.

Ali meu coração se partiu, no bom sentido. Há algo milagroso em tudo aquilo que caiu sobre mim. Não apenas meu pai e o caminho que ele seguiu, mas a minha própria existência.

Estou aqui. Que fato maravilhoso. Estamos todos aqui. Que fenômeno espantoso.

E aquela casa de fazenda em cuja varanda Eileen e eu costumávamos nos sentar em minhas visitas? É a mesma em que meus pais estavam morando *quando fui concebido*.

E então minha filha, Violet, cujo nome do meio é *Eileen,* está comigo na Starbucks pouco antes de eu começar a escrever este livro, e, quando pedem seu nome para incluí-lo no pedido, ela diz:

— Eileen.

Eu conto tudo isso sobre o lugar de onde vim, de quem venho, porque você é como eu.

VIEMOS DE ALGUM LUGAR. VIEMOS DE ALGUÉM. DE ALGUNS *CORPOS*. Nascemos dentro de algo que já está em movimento. Como numa peça de teatro na qual entramos, no meio do segundo ato, tropeçando ao subir ao palco. Uma criança é como uma página em branco? *Não.* Nossa vida está preenchida desde o começo com história, drama, amor, feridas, tragédia e esperança. Sou misterioso o suficiente para mim mesmo, e muito mais para aqueles de quem venho, muito mais para todas as pessoas a quem estou sempre encontrando com as próprias esperanças, medos, histórias e mistérios, muito mais para essa rocha flutuante em forma de bola que chamamos de lar, e que se move pelo espaço a quase 108 mil quilômetros por hora.

Há algo infinito em tudo isso. Nunca paramos de aprender sobre quem somos e como fomos moldados pelas pessoas e pelos lugares de onde viemos. Nosso coração, nossa mente e

nossas memórias são infinitamente exploráveis; há mais do que o suficiente para descobrirmos em nosso tempo de vida. E isso apenas em relação a nós mesmos. Se formos além de nós, para o mundo que nos cerca, é espantoso...

Todas as galáxias do universo se afastam de todas as outras galáxias do universo porque tudo está se expandindo há treze bilhões de anos. *O quê?* Nossa galáxia, a Via Láctea, essa que chamamos de lar, está viajando a cerca de 805 mil quilômetros por hora? Por quê? Para onde ela vai? E, ao que tudo indica, o Sol vai se extinguir em cerca de cinco bilhões de anos. Então isso não vai durar para sempre? Tem um... *fim*?

O tempo, agora se sabe, é na verdade uma ilusão persistente. O que entendemos como passado, presente e futuro existe em um tipo de *agora eterno*. O quê? E cada um de nós é constituído de muitos bilhões de átomos, porque tudo, em todo lugar, é constituído de átomos. E os átomos não são realmente coisas ou matéria, são mais como relações de energia ou nuvens de possibilidades que são compostas principalmente de espaço vazio. Oi?

Que fenômeno surpreendente é esse, esta vida em que nos encontramos.

Claro que temos muitas perguntas. Claro que é fácil nos sentirmos perdidos e perplexos. Claro que quando vemos a foto de um buraco negro pela primeira vez só conseguimos dizer *uau. O que mais se pode dizer de algo nunca visto antes?*

Claro que queremos saber se existe algum sentido nisso. Claro que o mundo tem significado para nós quando descobrimos que outra pessoa sente o que sentimos. Claro que sentimos pavor, alegria, esperança e desespero; às vezes tudo no mesmo dia. Claro que sentimos que há mais coisas acontecendo aqui.

Desde jovem, eu tive essa sensação, essa convicção de que há mais coisas acontecendo aqui, de que o mundo não é um lugar frio e morto, mas uma realidade dinâmica muito mais interessante e misteriosa do que já nos foi dito.

Este livro trata *dessa* sensação. Tentei ouvi-la, confiar nela e segui-la: essa consciência de que tudo está ligado a todo o resto, de que tudo importa, de que tudo está indo em direção a algum lugar. Essa sensação me levou a lugares que eu nunca poderia ter imaginado, lugares onde o pessoal e o cósmico se conectam, onde vislumbrei como o que é mais íntimo também é universal, o que é mais particular para mim também é comum a todos.

Não sabia que a minha vida poderia ser assim; que poderia ficar mais atraente, mais significativa, mais misteriosa, mais surpreendente, mais fascinante ano após ano.

Essa experiência que estamos tendo aqui é como um convite interminável, e podemos dizer sim muitas e muitas vezes. E, ao fazer isso, são abertas novas profundidades, novas ligações e novas possibilidades que nunca poderíamos ter imaginado...

Cresci em uma fazenda. Mais ou menos.

QUANDO EU TINHA CINCO ANOS, MUDAMOS PARA UMA CASA DE FAZENDA da virada do século XIX para o XX, em um terreno de 40 mil metros quadrados cercado por bairros suburbanos. Tínhamos um celeiro, um silo, um galinheiro, 28 mil metros quadrados de campos de alfafa, 12 mil metros quadrados de relva, cinquenta cerejeiras e cinquenta macieiras. A certa altura, alimentávamos dezessete gatos junto à porta dos fundos. Tínhamos um trator John Deere. Às vezes, eu ia para o treino de futebol e depois voltava para casa para pegar feno. Fazia aula de piano e sabia como operar um engate de três pontos em uma colheitadeira. Não possuíamos vacas, galinhas ou cavalos, mas eu tinha rampas de bicicross no celeiro.

Tínhamos um porta-pedras.

Um porta-pedras é um grande trenó de metal rebocado por um trator. Uma pessoa dirige enquanto outras ficam no trenó,

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!

CAMPANHA

FiqueSabendo

FARO EDITORIAL

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM MAIO DE 2021